

RESENHAS

Jornalismo encadernado

*Luís Fernando Rabello Borges**

Sempre quando se pensa em textos jornalísticos, de imediato vem à mente conjuntos de palavras impressas em folhas de papel um tanto porosas, perecíveis, interligadas umas às outras apenas quando dobradas, sem que haja qualquer outra coisa que as prenda, como colas ou grampos. É o que as pessoas chamam de jornal. Folhas de melhor qualidade, mais duradouras, agrupadas através da técnica de encadernação que, por sua vez, resulta naquilo que se conhece por livro. Geralmente são destinadas a outras modalidades de texto narrativo, não-jornalísticas e fictícias, como contos, por exemplo. A leitura de textos jornalísticos em livros definitivamente não é um hábito corriqueiro.

Entretanto, o segundo semestre do ano de 2004 reservou para si o lançamento quase simultâneo de duas exceções brasileiras a essa regra: os livros *A feijoada que derrubou o governo*, de Joel Silveira, e *A imprensa livre* de Fausto Wolff, do próprio. Além da coincidência relativa ao período de lançamento dessas duas compilações de textos jornalísticos, podem ser apontados outros pontos em comum entre ambos os jornalistas. Tanto o sergipano Joel Silveira quanto o gaúcho Fausto Wolff saíram de lugares distantes do centro do país para se estabelecerem no Rio de Janeiro. Além disso, os dois não se limitam unicamente ao texto jornalístico, tendo cada um deles publicado uma quantidade respeitável de livros de contos, poemas e mesmo novelas e romances. Mesmo assim, fazem questão de serem tomados, antes de mais nada, como jornalistas. Nada de denominações do tipo 'o romancista Fausto Wolff' ou 'o poeta Joel Silveira' – ou vice-versa.

E a própria existência desses livros de textos jornalísticos, por si só, revela um outro ponto em comum, o principal deles, entre Joel Silveira e Fausto Wolff: um jornalismo materializado em textos que resistiram ao tempo, textos que fizeram por merecer a transposição das folhas porosas e soltas de jornal para as folhas duradouras e encadernadas de livros que cumprem justamente a função de assegurar a posteridade para tais textos. Diferentemente da maioria esmagadora dos textos jornalísticos em geral, efêmeros e perecíveis como as folhas de papel jornal onde se encontram

impressos. Folhas e textos que mal chegam a sobreviver durante um dia inteiro, vindo a ressuscitar no dia seguinte servindo como embrulho para peixe ou – como diria o jornalista Ruy Castro – para forrar gaiolas de papagaios, entre outros usos bem mais cabíveis ao papel dos jornais do que ao papel dos livros. Entretanto, é importante salientar que as diferenças quanto às folhas de papel não representam qualquer espécie de atestado de qualidade dos textos presentes em suas superfícies. Assim como há textos jornalísticos que, por conta de seus atributos, foram publicados em livros, muitos textos não-jornalísticos (literários ou não) bem que mereceriam ser impressos em folhas de jornal, juntamente com a mortalha do jornalismo diariamente transformado pelos papagaios em imprensa marrom. E, de resto, todo esse conjunto de diferenças entre jornais e livros, e entre jornalismo e literatura, não vai muito além de conversa importante apenas para jornalistas e literatos – e para boi dormir. Para o fogo tudo é papel, diante dele tais diferenças se esvaem juntamente com a fumaça que daí se desprende. A qualidade do papel ou do texto – ou a falta dela – com certeza não fará a menor diferença no gosto do churrasco feito da carne do boi.

Mas o principal a ser pensado, agora, diz respeito ao que levou os textos escritos por Joel Silveira e Fausto Wolff a serem compilados em livros, que ‘algo mais’ esses textos trazem para fazerem por merecer a bênção da posteridade. A verdade é que, em alguns momentos, a leitura de ambas as compilações é capaz de fazer o leitor esquecer de que os textos ali reunidos foram inicialmente escritos com destino à publicação em jornais. Chegam a dar a impressão de que aquilo não é jornalismo. Dito de outro modo, a pessoa que se depara com livros como esses logo após devorar um jornal – ou antes, tanto faz – pode até ser levada a pensar que apenas um deles – livros ou jornais – traz textos passíveis de serem considerados jornalísticos. No caso dos textos publicados nos dois livros aqui em questão, pode-se dizer que eles se diferenciam dos textos jornalísticos convencionais – e perecíveis – por incorporarem elementos externos ao dito ‘puro jornalismo’, entre eles o espírito crítico e o uso de recursos literários, entre outros. E nisso entra em

cena o seguinte paradoxo: é justamente essa contaminação do 'puro jornalismo' por tais elementos, é esse processo de impurificação do jornalismo, que faz com que os textos de autoria de Fausto Wolff e Joel Silveira sejam representantes genuínos do puro jornalismo, na acepção de nomes como o de Mino Carta, que declarou em entrevista concedida à revista *Bundas* em sua 77^a e última edição, publicada em dezembro de 2000, que "[...] esse jornalismo autêntico, indiscutível, necessário, se baseia em três princípios: o respeito pela verdade factual; o exercício do espírito crítico; e a fiscalização do poder". Dessa forma, o puro jornalismo só é possível de ser atingido através da impurificação do mesmo. E, da mesma forma, tal raciocínio indica que o 'puro jornalismo', veiculado pela grande imprensa e apregoado pelos manuais de redação, não pode ser considerado jornalismo.

Juntamente com o espírito crítico, o uso de recursos literários contribuiu em muito para que os textos jornalísticos de autoria de Joel Silveira e de Fausto Wolff fossem compilados em livros. São elementos como esses que conferem um caráter autoral aos escritos produzidos pelos dois, imprescindível para que textos jornalísticos possam ser reunidos e lançados em livro no nome de uma pessoa específica, uma pessoa que confere identidade ao livro, e, por extensão, aos textos nele publicados – mesmo que esses textos sejam jornalísticos. Aliás, algo muito raro no dito 'puro jornalismo', o jornalismo da dita 'grande imprensa' (e mesmo da pequena imprensa que brinca de ser grande imprensa, como crianças brincando de ser gente grande), é a produção de textos nos quais se possa identificar claramente as marcas pessoais e intransferíveis de seus respectivos redatores. Tudo em nome de palavras (de ordem) que trazem em si um misto de utopia e hipocrisia, como objetividade e imparcialidade, teclas que são batidas sempre que um jornalista se senta diante de um computador para digitar uma notícia. E que são incessantemente marteladas nas redações de grandes empresas jornalísticas, em manuais de redação e até mesmo no ambiente das universidades em geral, que, condicionadas pela realidade do mercado profissional e suas exigências e imposições, acabam

transformando um curso de ciências humanas como jornalismo em um quase curso de ciências exatas, no qual se aprende todo um conjunto de regras e fórmulas que, se por um lado visam trazer o máximo de precisão para textos redigidos de forma quase matemática, por outro lado eliminam quase todos os traços de subjetividade, identidade e autoria dos mesmos.

Em suma, é ofuscado, assim, justamente o lado humano dessa ciência humana que é o jornalismo. Dessa forma, as faculdades de jornalismo como um todo acabam se vendo na obrigação de formar profissionais que sabem o que é lead e pirâmide invertida, sabem se postar diante de uma câmera de vídeo, sabem impostar a voz na hora de verbalizar notícias de rádio e de televisão... Inclusive é interessante perceber a metamorfose ocorrida no decorrer do curso, em que os alunos vão aos poucos vestindo a fantasia de jornalistas e incorporando os sotaques das grandes emissoras... Enfim, pessoas que sabem tudo isso, mas que acabam não atingindo uma identidade própria enquanto jornalistas. É o mesmo que ocorre com cantores e conjuntos que apresentam total afinação vocal, entendem tudo de seu respectivo instrumento musical, possuem um completo domínio de palco, conhecem os menores detalhes de técnicas de gravação em estúdio, e além do mais sabem dançar – mas não desenvolveram um estilo próprio. Com isso, o jornalismo praticado através desse processo destituído de traços subjetivos e humanos geralmente acaba resultando em textos efêmeros, que não resistem ao tempo, produzidos para vigorarem por não muito mais do que 24 horas, textos jornalísticos de plástico, que nem vida própria chegam a ter.

Não estou querendo negar, com tudo isso, a importância e mesmo a necessidade de domínio desses conhecimentos por parte do profissional. O problema, a meu ver, é quando tais aptidões acabam anulando sua subjetividade e o transformando em uma mera máquina de produção de textos jornalísticos objetivos. Apesar de que não há como um jornalista expressar marcas registradas de sua individualidade em absolutamente todas as notícias por ele redigidas, pois alguns assuntos não permitem abordagens mais diferenciadas – isso sem falar no fator tempo e na pressão por ele exercida. Todavia,

creio que temas capazes de oferecer maiores opções de enfoque poderiam ser melhor aproveitados. De qualquer modo, também não estou pretendendo fazer, aqui, uma crítica deliberada do jornalismo, a partir da comparação com cursos de humanas supostamente mais humanos. A crítica em questão se procede justamente em função de a atividade jornalística fazer parte do meu repertório de interesses e nele ocupar um espaço privilegiado. Se a minha formação fosse em outro curso (de humanas ou não), também trataria de criticar o que não fosse do meu agrado. E, mesmo se não encontrasse uma só crítica a fazer, provavelmente tentaria inventar alguma.

Mas, agora, talvez seja melhor falar um pouco mais especificamente sobre os dois livros, que, afinal de contas, constituem o objeto e o objetivo do presente texto, antes que toda essa apologia do espírito crítico, exposta acima, seja transposta diretamente para a própria resenha desenvolvida nestas linhas. Até o momento, o que mais se fez foi deixar transparecer as impressões, sensações e reações provocadas pelo ato de leitura, o que até pode ser válido no sentido de se tentar expressar o espírito dos textos, mas inclusive esse aspecto solicita a complementação de uma abordagem mais específica de cada um dos livros aqui em questão. Começando pelo de Joel Silveira, vale destacar que *A feijoada que derrubou o governo* é uma compilação que abrange grandes reportagens na área de política. Na verdade, trata-se de uma continuação do livro *A milésima segunda noite da avenida paulista*, lançado um ano antes, em 2003, e que se diferencia daquele por compilar grandes reportagens voltadas a temas culturais e sociais. Mas ambos os livros abrigam textos escritos por ele desde a década de 1940, ambos fazem parte da série *Jornalismo Literário*, editada pela Companhia das Letras, e ambos extraíram seus títulos de uma de suas respectivas reportagens. Sem falar que mesmo as reportagens reunidas em *A milésima segunda noite da avenida paulista* igualmente apresentam um alto teor crítico, a exemplo do primeiro texto de Joel Silveira a atingir uma maior repercussão ('1943: assim eram os grã-finos de São Paulo'), no qual o jornalista nascido em 1918 faz uso de fina ironia para retratar de forma sarcástica e

contundente a alta sociedade paulista do início dos anos 1940.

O total de textos presentes ao longo das 216 páginas de *A feijoada que derrubou o governo* – título de uma reportagem alusiva a um jantar que provocou como indigestão o golpe de 1964 – traça um painel de momentos marcantes da história política brasileira ao longo de cerca de meio século, a começar pela participação brasileira na Segunda Guerra Mundial e passando pelo fim da era Vargas e pelos tempos de ditadura militar. Em todos esses textos, Joel Silveira demonstra nítida preocupação em esmiuçar o cenário geográfico e psicológico do assunto abordado, em uma utilização de recursos literários que não apenas faz em com que tais matérias resistam aos tempos de agora, mas também trazem os tempos anteriores para o momento presente – ou, inversamente, fazem o leitor voltar aos tempos retratados nas reportagens. E esses mesmos recursos literários talvez possam inclusive levar o leitor a lapsos momentâneos de esquecimento de que os conteúdos trabalhados por tais reportagens são verdadeiros, visto que o estilo redacional aí presente se assemelha bastante ao de narrativas fictícias como as de contos.

Isso tudo ocorre mesmo em se tratando de questões mais drásticas e longínquas, como quando Joel Silveira, então com 26 anos, ficou encarregado de fazer a cobertura jornalística da Segunda Guerra Mundial, viajando rumo à Itália em 1944 juntamente com os pracinhas da FEB – Força Expedicionária Brasileira. O cenário era infinitamente mais incômodo e agitado que o de uma sala de redação. Não havia a pressão de horários rígidos para se baixar uma matéria, inclusive porque o que baixava a todo instante nos ambientes ao redor não era exatamente matérias, e sim granadas capazes inclusive de impedir o fechamento de algum texto jornalístico. Mas, mesmo em meio a um contexto onde a pressa era ditada não por uma sala de redação com ar-condicionado, e sim pelo calor da guerra, Joel Silveira conseguia elaborar trechos do tipo “E, numa só arrancada, o seu brioso jipe voava pela ponte, aos solavancos, sem dar importância a uma ou outra granada de morteiro que explodia perto ou afundava nas tranqüilas e murmurantes águas do rio” (p.94). Aos 86 anos, tido por muitos –

inclusive por Fausto Wolff – como o maior repórter da história da imprensa brasileira, e tendo recentemente atuado como colunista fixo da extinta revista semanal *Bundas*, no decorrer de seus dois anos de existência (1999 e 2000), Joel Silveira ainda hoje continua atuando jornalisticamente.

Já *A imprensa livre* de Fausto Wolff, por sua vez, apresenta algumas diferenças com relação ao livro de Joel Silveira. A começar por se tratar de uma compilação de artigos jornalísticos, e não de grandes reportagens. Ao invés de trazer narrativas, o livro lançado pela editora L&PM compila textos opinativos. Além disso, a compilação de 278 páginas abarca um intervalo de tempo bem menos abrangente, e bem mais recente, compreendendo basicamente a produção por ele desenvolvida ao trabalhar para a revista *Bundas* – onde foi colega de Joel Silveira, para quem “Fausto Wolff tem uma virtude incomum: sabe dizer o que quer dizer” – e para o recém-extinto semanário *Pasquim21*. Dessa forma, o jornalista nascido no ano de 1940 disserta essencialmente sobre o período correspondente ao governo FHC em seu segundo mandato e à atual gestão Lula. Pertencente a uma geração posterior à de Joel Silveira, a mesma que fundaria *O Pasquim* no final dos anos 1960 (semanário sucedido anos depois justamente por *Bundas* e pelo *Pasquim21*). Fausto Wolff lança mão de uma postura crítica expressa em um estilo direto e ácido, por vezes até agressivo, centrando fogo inclusive nas próprias práticas jornalísticas atuais. A começar pelo próprio título e seu duplo significado, que aponta tanto para um jornalismo exercido de forma livre quanto para uma grande imprensa que hoje se vê livre de um jornalista como Fausto Wolff. Mas é em crônicas propriamente ditas que ele destila, através de seu estilo cáustico, toda a sua raiva contra a grande imprensa, como quando diz que

[...] o jornalista deixou de ser o herói marginal para tornar-se uma espécie de poodle de divã, uma espécie de office-boy do poder. Isso tudo em nome de uma (sei do cacófato mas não tenho tempo para essas frescuras) maior elegância, de uma maior equidistância, de uma falsa imparcialidade. Digo falsa porque ninguém pode

ser imparcial entre um banqueiro ladrão e um bancário explorado, para citar apenas um exemplo (p.12).

Enfim, tal espírito crítico, assim como a preocupação relativa ao desenvolvimento de um estilo redacional diferenciado, são elementos que se fazem presentes nos textos tanto de Fausto Wolff quanto de Joel Silveira, conferindo-lhes uma identidade necessária para que esses textos sejam alçados à posteridade, agrupados em livro e no nome de um único indivíduo – o autor do livro e dos textos. E é esse espírito crítico que me traz à lembrança, agora, uma das tantas tentativas de definições referentes à atividade jornalística – a de que “o jornalismo é o dedo indicador da sociedade”. Mas acontece que uma grande imprensa historicamente avessa à criticidade, cheia de dedos, muito raramente irá exercer essa função de dedo indicador de forma a pôr o dedo na ferida. Ou, dito de outra forma, o jornalismo até pode ser o dedo indicador, mas ainda falta ser o dedo médio.

Notas

* Jornalista, Mestre em Comunicação Social e professor da Unochapecó.